

SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA: CONCEPÇÕES DE PROFESSORAS ALFABETIZADORAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

DÉBORA HARTWIG WENDLER¹; JOSIANE JARLINE JÄGER²; MAURICIO CARDOSO DIAS³; MILENA VENZKE KAADT⁴; SHAIANE PIZANI SILVEIRA⁵; MARTA NÖRNBERG⁶;

¹Universidade Federal de Pelotas – *deborahartwig@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas - *josianejager@gmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *mauricio.cardoso2017@outlook*

⁴Universidade Federal de Pelotas – *milena_kaadt@hotmail.com*

⁵Universidade Federal de Pelotas - *shaianepizani@gmail.com*

⁶Universidade Federal de Pelotas - *martanornberg0@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado ao projeto de pesquisa “Pensamento Pedagógico e Desenvolvimento profissional docente” e apresenta uma análise realizada acerca das escritas das Professoras Alfabetizadoras (PA) durante as formações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). O PNAIC foi um programa de formação continuada para professores que atuam no ciclo de alfabetização, cuja meta era todas as crianças alfabetizadas até os 8 anos de idade. Este trabalho analisa as respostas dadas para duas questões aplicadas durante os encontros de formação. Do ponto de vista temático, as escritas expressam as concepções das professoras referentes ao Sistema de Escrita Alfabética.

Assim, neste trabalho, o objetivo é analisar as escritas produzidas pelas professoras atuantes na área da alfabetização, durante o processo de formação do PNAIC e identificar as suas concepções sobre a escrita alfabética. Durante a análise foi possível identificar alguns termos expostos pelas professoras, questões a serem consideradas na apropriação do SEA, tais como: consciência fonológica, propriedades do SEA e letramento. Mesmo tratando-se de uma análise preliminar, destacamos estes termos visto que a alfabetização do aprendiz está diretamente correlacionada a estes conceitos, entendendo, no entanto, que cada um deles, isoladamente, não torna uma criança alfabética.

Os métodos tradicionais de alfabetização têm entendido a escrita alfabética como um código, em que o sujeito já teria as unidades sonoras estabelecidas na sua mente e somente lhe restaria transferir os sons para o papel. O aprendiz passaria por um processo de codificação e decodificação da escrita. Nessa perspectiva, entendia-se que ao professor caberia transmitir as informações já pré-estabelecidas, prontas para a criança, restando aos aprendizes somente a memorização do traçado das letras e seus nomes e o decorar os sons que elas substituiriam.

Em contrapartida, os estudos da Psicogênese da Língua Escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999) trouxeram contribuições no sentido de desbancar as concepções sobre aprendizagem da escrita e sobre os métodos de alfabetização. Com base nestes estudos, concebemos a escrita alfabética como um sistema notacional, como um sistema de representação, que envolve um trabalho bem mais complexo, em que o sujeito precisa entender como a escrita funciona e reconstruir as propriedades em sua mente (MORAIS, 2012).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa, de tipo qualitativa, inspira-se nos elementos da análise temática (MINAYO, 1993), em que se faz a identificação e a descrição dos temas

analisados, neste caso, a escrita como código e a escrita como um sistema notacional. Na análise temática, o que se observa é problematizado com base em referenciais e estudos teóricos. Assim, neste trabalho, sustentamos a discussão com base em conceitos explorados por MORAIS (2012).

As escritas analisadas referem-se a um dos registros do processo de formação continuada do PNAIC, na UFPel, e encontram-se disponíveis no Banco de Textos de Professoras (BTP), que integra do Banco de Dados do Projeto de Pesquisa Obeduc-Pacto: formação de professores e melhoria dos índices de leitura e escrita no ciclo de alfabetização, financiado no âmbito do programa Observatório da Educação da CAPES. Os textos estão organizados por conjuntos de textos. Cada conjunto corresponde a uma turma participante da formação, portanto, o número de textos dentro de cada conjunto varia de acordo com o número de professoras alfabetizadoras participantes.

Foram analisados 23 conjuntos, referentes ao ano de 2013, totalizando 455 textos, os quais possuem as seguintes questões mobilizadoras: “A Escrita Alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código? Como as crianças dela se apropriam?”

Realizamos uma leitura atenta do material, buscando identificar as ideias das professoras relativas ao SEA e observamos as relações com os princípios teórico-metodológicos para o ensino do SEA. Os dados foram organizados em uma tabela, classificando as escritas em três agrupamentos temáticos: (1) referência ao código; (2) a escrita como um sistema notacional; (3) desconhecimento sobre o termo “sistema notacional”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os cadernos de formação do PNAIC foram o material utilizado como forma de estudo para os encontros. O caderno Ano 1 - Unidade 3 discute o SEA e as trajetórias progressivas das crianças para que possam compreendê-lo. Como este caderno foi material de leitura sugerido pelas Orientadoras de Estudo (OEs), que conduziam a formação com as alfabetizadoras, ele é citado em uma das escritas, mais especificamente na parte em que se tem um exemplo do uso do código, “[...] o código como está no exemplo daqueles dois alunos, eles usavam para se comunicar entre eles, o que eles criaram para eles usarem entre si e se comunicar, onde os outros não sabem o mesmo” (SEA2013OT12OEDH-3). O exemplo citado, de fato, faz o uso de um código, a diferença é que as crianças já estavam alfabetizadas, ou seja, já dominavam as convenções e propriedades do SEA. A escrita alfabética é um sistema notacional pois, para que o aprendiz aprenda a usar um código, ele precisa já estar alfabetizado, ou seja, ele precisa já ter compreendido e reconstruído os princípios do sistema alfabético (MORAIS, 2012, p. 47).

Quando analisamos a questão proposta na formação: “A Escrita Alfabética: por que ela é um sistema notacional e não um código?” percebemos que apesar de a própria pergunta indicar que a perspectiva que está sendo estudada não entende a escrita como código, muitas respostas evidenciam o contrário, como vemos nos excertos abaixo: “Não entendi o que é sistema notacional e por quê a escrita não é um código. Penso que as letras sozinhas são só códigos e sistema é um todo, diferenciar letras, números, símbolos” (SEA2013OT12OEEBS-11); “Porque a criança apropria-se do código anteriormente à escrita alfabética que já torna-se um sistema de representação” (SEA2013OT12OEFMC-19).

Inferimos que, ao elaborarem essas respostas, talvez as professoras ainda não tivessem estudado e refletido em sua formação sobre o que significa o SEA

como sistema notacional e não como código, visto que em algumas escritas o termo “sistema notacional” tem sido considerado um termo novo, como afirma esta professora: “No campo da alfabetização o termo notação e sistema notacional é recente [...]” (SEA2013OT12OEEBS-7). Da mesma forma, outras professoras afirmam desconhecer o termo utilizado: “Não tenho conhecimento do que seja sistema notacional [...]” (SEA2013OT12OEMCB-1), “Nunca tinha ouvido falar em sistema notacional antes [...]” (SEA2013OT12OEMCB-3).

Por outro lado, algumas professoras expressam em suas escritas argumentações em direção à perspectiva abordada tanto nos cadernos de formação, como nos conceitos elaborados por MORAIS (2012), compreendendo a escrita alfabética como um sistema notacional, “[...]porque ela garante um ensino sistemático através de atividades reflexivas desafiando o aluno a compreender como a escrita alfabética funciona” (SEA2013OT12OEEMBR-1); “[...]porque não é somente um conjunto de símbolos, mas é organizada por regras, propriedades que definem como os símbolos (letras) se organizam para formar as palavras” (SEA2013OT12OEEMBR-1).

Nesta mesma direção, outra professora faz um relato abrangente, apresentando em sua escrita princípios importantes sobre a compreensão do SEA, ponderando sua importância na alfabetização:

A escrita alfabética é um sistema um sistema notacional e não um código, pois ele envolve processos mentais complexos e não apenas memorização; Apreciação de sentidos e não apenas atividades mecânicas; consciência fonológica e não apenas prontidão; Leitura com significado e não apenas decodificação. [...] No sistema notacional não temos só um conjunto de caracteres ou símbolos, mas sim regras e propriedades que definem rigidamente como aqueles símbolos funcionam para substituir os elementos da realidade que notam ou registram. As crianças se apropriam da escrita alfabética através do contato com o ambiente letrado, a partir da formulação de hipóteses [...] e atividades significativas (SEA2013OT12OEVAO-14).

Para que o aprendiz domine o SEA, se aproprie da escrita alfabética, ele precisa resolver duas questões (FERREIRO, 1985): “O que as letras notam (isto é, registram)?” Nessa questão ele precisa refletir e desvendar se o que as letras notam são as características dos objetos que a palavra designa ou a sequência de partes sonoras da palavra. A segunda questão é: “[c]omo as letras criam notações (ou palavras escritas)?” Nessa questão, o aprendiz precisa desvendar se essas notações são criadas a partir do tamanho ou das características daquilo que a palavra pronunciada representa ou se é preciso colocar as letras conforme os pedaços sonoros da palavra e de que forma (BRASIL, 2012). Encontrar a resposta para cada uma dessas perguntas varia de acordo com o estágio em que a criança está.

Inicialmente, todas as crianças precisam descobrir e entender que, por exemplo, precisamos escrever com letras, que não podem ser inventadas, que são diferentes dos números, que escrevemos da esquerda para a direita, entre outras características. Em razão dessas propriedades, escrita não é um código, caso entendêssemos como código, desconsideraríamos toda essa complexidade que as crianças precisam compreender, percurso do qual nós, adultos, por sermos alfabetizados, não nos recordamos.

Para que nos apropriemos de um sistema notacional é necessário que compreendamos suas propriedades e convenções. Todas essas propriedades que o aprendiz precisa reconstruir em sua mente são apresentadas em um quadro elaborado por MORAIS (2012). Esse conjunto de princípios também é referenciado

em algumas escritas das professoras, que entendem o sistema de escrita como um conjunto de caracteres e símbolos, em que “há um conjunto de regras e propriedades que definem como os símbolos funcionam” (SEA2013OT12OEMM-1), e como atividade que “é complexa, com propriedades que o aluno precisará compreender, realizar atividades reflexivas, e não apenas decifrar um código” (SEA2013OT12OEVAO-2).

Assim, para que a criança possa alcançar a hipótese alfabética, ela precisa reconstruir em sua mente as propriedades deste complexo sistema notacional, o SEA e, a partir disso, responder àquelas duas questões: o que a escrita nota? E, como a escrita cria notações?

4. CONCLUSÕES

Entendemos que as formações realizadas se constituíram como espaços para o diálogo e a reflexão sobre as concepções que as docentes possuem sobre o SEA, bem como sobre os processos de apropriação da escrita pela criança e as práticas alfabetizadoras. Igualmente, ao escreverem sobre seus entendimentos, tais aspectos foram acionados e compartilhados, podendo assim, além de explicitar as concepções que sustentam sua prática também pensar sobre elas.

Por outro lado, com base nas análises realizadas, nos questionamos até que ponto cada docente fazia uma reflexão sobre o que lhes estava sendo perguntando, recuperando conhecimentos teóricos ou práticos que possuía sobre o tema, visto que a pergunta norteadora já apresentava em seu enunciado um entendimento acerca da escrita alfabética contrário à noção de código. Entretanto, inúmeras escritas confirmam em suas respostas que a escrita alfabética é um código.

Suspeitamos de que talvez as professoras ainda referem essa compreensão, ligada a uma visão tradicional da alfabetização e da aprendizagem da escrita, porque práticas de cópia e memorização ainda são frequentes. Por outro lado, talvez por ainda não terem estudado e refletido em sua formação sobre o que significa o SEA como sistema notacional e não como código ou terem feito as primeiras aproximações, explicitar o entendimento que possuem ainda era uma tarefa mais teórico do que prática.

Nesse sentido, destacamos a importância de espaços formativos ao longo do exercício docente; espaços em que a reflexão conceitual e a análise das práticas sejam contínuas pois, deste modo, o desenvolvimento profissional e a produção de estratégias que auxiliem o professor alfabetizador na compreensão dos conceitos e na organização do trabalho pedagógico podem ser qualificadas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa**: a aprendizagem do sistema de escrita alfabética: ano 1: unidade 3. Brasília: MEC, SEB, 2012.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998. 269 p. ISBN 8527101815.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.